

Diários intimamente públicos: os blogs

Gizelle Kaminski Corso & Josiele Kaminski Corso Ozelame
UFSC & Unioeste
gikacorso@gmail.com & josicorso@gmail.com

RESUMO: As várias estratégias de produção textual da atualidade, por envolverem o meio digital, geraram – e ainda geram – novas maneiras compreender a “fabricação literária”. Nesse sentido, a tecnologia alia-se ao universo literário e torna-se um mecanismo de produção, proporcionando uma nova “roupagem” à tão discutida materialidade e objetividade da literatura. Novos gêneros surgem aparentemente para ficar no lugar de outros, como é o caso dos blogs, os conhecidos diários, mas agora com um adjetivo: virtuais. Assim, a escrita a próprio punho, tão evidenciada nos diários, que guardavam os maiores segredos, com as novas tecnologias, é substituída por uma nova proposta para a escrita íntima: a de um diário que se abre para o mundo. Nessa perspectiva, pretendemos analisar em que medida os blogs configuram-se como um gênero literário e se são substitutos dos misteriosos diários manuscritos. Que novas facetas e configurações a tecnologia abarcou para os blogs? Seriam de confissão, ficção ou informação?

PALAVRAS-CHAVE: Blogs. Escrita íntima. Novas tecnologias.

ABSTRACT: New strategies of textual production nowadays, by involving the digital environment, have generated and still generate new ways of understanding the “literary manufacture”. In this sense, technology joins literary universe and it becomes a mechanism of production, providing a new face to so discussed materiality and objectivity of literature. New genders appear apparently to replace others, as blogs, known as diaries, but now with an adjective: virtual. Thus, handwriting, evidenced in diaries, which kept the biggest secrets, with new technologies, it is substituted by a new proposal for the intimate writing: one diary opened for the world. In this way, it is intended to analyze in which way blogs are a literary gender and if they have come to replace the mystery handwriting diaries. Which new faces and configurations has the technology brought for blogs? Would it be confession, fiction or information?

KEY-WORDS: Blogs. Intimate writing. New technologies

A era digital

As novas tecnologias ocupam um lugar central nas representações do mundo, sonhos e desejos da sociedade contemporânea, discursos e instituições cujo modo de pensar organiza-se ao redor de parte da vida da sociedade e do imaginário social. O “novo” está sempre relacionado ao futuro, desenvolvimento, progresso tecnológico; novo adaptar-se à sociedade que enfrenta a dificuldade do porvir, do desconhecido, do estar em constante mudança.

A cada novo aparato, uma nova modelação do tempo e espaço do sujeito na sociedade. Da marcação-solar ao controle de um relógio mensurável e calculável do tempo, grudado ao pulso, à presença digital da hora em celulares, painéis eletrônicos de hora e temperatura em ruas, bem como na tela do computador. A

cada vez mais, o sujeito desfragmente-se dentro de si, assumindo uma postura de completa individualidade. Computadores, celulares, agendas eletrônicas, tornam-se a extensão do elemento materializado chamado “corpo”, porque a tecnologia, segundo Jean Baudrillard, é “a sofisticação funcional de um organismo humano, que lhe permite igualar-se à natureza e investir contra ela triunfalmente” (1991, p. 139).

Em uma sociedade controlada por telas de toda ordem, seguindo o pensamento de Baudrillard, uma sociedade dos simulacros, das simulações, cujo tempo é “o senhor todo poderoso”, arriscaríamos questionar: quem escreve em diários nos dias de hoje? Quem ainda possui dedicação e, diga-se de passagem, paciência para fazer os apontamentos cotidianos na escrita a próprio punho, tendo o cuidado de não borrar o papel? Será que os “tempos modernos” (moderno como sinônimo de recente) anunciaram a morte dos diários íntimos manuais? E aqui não pensemos apenas nos diários, mas onde estão as cartas, prontamente substituídas pelos e-mails? E os livros, tornar-se-ão apenas digitais?

O professor José Luís Jobim, em “O Texto no Meio Digital” (2009) efetua um mapeamento das alterações que as tecnologias fizeram na nossa vida, no cotidiano, nas “textualidades”, e o quanto cada um de nós acabou por se moldar a elas. Jobim, também, discute esquematicamente formas mais tradicionais de publicação (livros, revistas acadêmicas, jornais de publicação diária) diante das formas digitais.

Meu ponto de vista básico é que, se quisermos entender a complexidade das relações entre o

universo dos textos “em papel” e o dos digitais, precisamos nos afastar de duas posições extremas: 1) a que acha que o meio digital significa uma inovação radical, permanente e que vai substituir e eliminar de vez todos os suportes textuais que o precederam; 2) a que acha que devemos nos manter apenas no âmbito do papel e das formas textuais relacionadas a ele (Jobim, 2009, p. 59).

Nunca é demais lembrar, como assevera Jobim em seu texto: “tecnologias são apenas ferramentas” (2009, p. 61). E o problema não reside na falta de informações, mas em sua quantidade, de como filtrá-las, de saber se aquilo que está diante do leitor-internauta é confiável (ou não).

se uma certa imagem de literatura, vigente no mínimo desde o século XVIII, a associa à forma de livro, não há também como ignorar que parte do que chamamos de literatura no Ocidente originalmente não tinha a forma de livro (por exemplo, as literaturas clássicas grega e latina): o que fica claro, quando comparamos o livro às formas anteriores a ele (como o rolo de pele de animais) e também às posteriores (como os arquivos eletrônicos), é que o livro também é uma tecnologia. Desde o rolo até o arquivo eletrônico o que temos são técnicas diferentes de processamento de texto, que se transformam em causa e/ou consequência de práticas de leitura e escrita (2009, p. 62).

Antes de Bill Gates faturar com o sistema Operacional Windows, a querela ocorria entre o livro e a televisão. Com o passar do tempo, a sessentona perdeu espaço para outra tela muito mais dinâmica e inteligente, capaz de fazer com que o sujeito pudesse usá-la como uma ferramenta de trabalho, estudos, diversão, entretenimento. Uma tela que, mais tarde, permitiu conexões com o mundo inteiro com a “abençoada” vinda da Internet. Mais uma vez, o livro, na técnica de processamento de texto como o conhecemos (Jobim, 2009), foi aparentemente substituído por algo. Será que, algum dia, em vez de narrarmos aos netos, bisnetos, contos de fadas, iremos começar com a história do “Era uma vez⁴ um livro que possuía capa e páginas que você podia girar, tocar, cheirar.” O livro impresso em papel realmente já era?

O que acontece é a perda da sua identidade, não só textual, mas também material. Antes distinguíamos perfeitamente a matéria textual, pois sabíamos que um livro não era um jornal, sabíamos o que era uma carta, mas, a partir dos meios eletrônicos, perdeu-se essa distinção tátil. E se conduzirmos nosso discurso nessa perspectiva, somos levadas a nos questionar: qual é a experiência de verdade que nos proporciona a obra digital? – aqui o nome verdade não está associado ao contraponto ficcional, mas sim a um tipo de materialidade que aparentemente dissolve-se assim que o objeto é criado; materialidade que dispensa os sentidos, mas não a objetividade.

Deixemos de lado o discurso apocalíptico e respondamos: o livro, ou a ideia daquilo que conhecemos por livro, nunca desaparecerá,

⁴ Segundo o professor britânico Peter Hunt (2010, p. 275), “as mídias eletrônicas não estão alterando apenas o modo como contamos histórias: estão alterando a própria natureza da história, do que entendemos (ou não) por narrativa”.

talvez tenha, com o passar do tempo, alterações de formato, tanto é que alguns escritores acreditam que o formato *e-book* não vingará, principalmente pela necessidade que os leitores sentem no prazer material (olfato, tato), apenas possível por meio da matéria.⁵

Aquela que em alguns momentos tornou-se a “inimiga”, a tela, aos poucos foi se configurando como aliada ao aconchegar livros, textos, imagens, em seu ambiente. E isso nos possibilita pensar que os livros em seu formato já conhecido não morreram, apenas ganharam um ambiente novo de leitura e uma nova dimensão: o virtual. De *books* para *e-books*. Livros on-line, virtuais, digitalizados, scaneados. Não importa qual seja o procedimento, são virtuais, sem toques (a não ser o do mouse, o do teclado, o do dedo que desliza por sobre a tela), sem cheiro, sem mofo. Livros desprovidos de riscos, rabiscos, anotações, indagações de caminhos percorridos por leituras anteriores. O fim das idas às bibliotecas e livrarias, do passeio agradável pelas prateleiras, do prazer de exhibir pelas ruas a capa daquele livro tão esperado, namorado, desejado? Como já afirmava Caetano Veloso na letra de sua música *Livros* “Encher de vãs palavras muitas páginas / E de mais confusão as prateleiras”.

Por outro lado, acostumamo-nos e nos acomodamos à praticidade de uma tela que nos conecta a tudo e a todos sem sair de

⁵ Não podemos deixar de mencionar aqui o discurso-manifesto de Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, em *Não contem com o fim do livro* (2010, p. 16-7). Segundo Eco, “das duas uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia. As variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados”.

casa, que permite criar, colorir, escrever, salvar e/ou apagar tudo com um simples acionar do “del”, que nos consente copiar um trecho apenas com um control+c > control+v. Uma tela que, às vezes, cansa os olhos e produz uma materialidade desprovida de matéria. Estamos na era do ter e do não ter ao mesmo tempo: a era digital.

Algumas vantagens para essa era digital residem justamente no armazenamento de informações e na agilidade em publicar no ciberespaço. A disseminação do conteúdo é muito rápida e de fácil atualização. Além disso, o formato *e-book*, embora não padronizado, geralmente apresenta arquivos que ocupam pouco espaço de memória e grande portabilidade. É o que vivenciamos: a era da prateleira virtual, portátil e armazenável.

A blogosfera

Levando em consideração a dissipação dos *e-books*, o que tem atraído muitos leitores para a tela do computador são os blogs, pretensos diários virtuais. Nesse sentido, poderíamos pensar que o texto sobre a tela – no caso, o texto do/no blog –, é mais lúdico, interativo, atrativo, inclusive em detrimento ao livro? Nesta nova perspectiva, como afirma o filósofo italiano Mario Perniola (2003, p. 78), o livro *“no será otra cosa que un caso particular para privilegiado con respecto a las otras “cosas” que ordenar y la biblioteca una institución particular junto a la videoteca, la mediateca, la hemeroteca, la galería, el museo...”*.

Além de o nosso discurso se voltar para o possível esfacelamento dos diários escritos à mão, ocorre-nos lançar, à luz de Jean Baudrillard, uma proposta a respeito dos blogs. Por que não os pensar como “simulacros”, enquanto elementos que buscam

certa “materialidade virtual” e como “simulações”, no sentido de intentarem coincidir com o real? Segundo o francês, “tudo se metamorfoseia no seu termo inverso para sobreviver na sua forma expurgada. Todos os poderes, todas as instituições falam de si próprios pela negativa, para tentar, por simulação de morte, escapar à sua agonia real” (Baudrillard, 1991, p. 29).

Não compreendemos simulacro como uma espécie de cópia desgraçada, degradada, que nega aquilo que seria o seu original, o seu criador (os diários feitos à mão), mas sim como um elemento, uma ferramenta que adquire status e categoria próprios.

Os blogs, via reprodução, procuram ressuscitar o real que lhes escapa. Basta navegar na internet para descobrir a variedade de blogs que há no universo virtual. Os temas vão de A a Z e não se restringem a apenas confissões de um eu, mas estendem-se para preferências, interesses e prazeres de um e/ou diversos eus (pensando-se, inclusive, na fragmentação pessoal e seus famosos heterônimos). Blogueiros que se escondem por detrás de nomes fictícios, histórias meramente imaginárias em um mundo em que o que está além da tela torna-se o outro lado do espelho das aventuras da pequerrucha de Carroll. Em seu desejo de coincidir com uma realidade, de simular realidades não mais aparentemente evidentes, os blogs apresentam-se como o simulacro da diferença: possuem a pretensão de ser diário, mas ao mesmo tempo não ser mais diário; serem um simulacro sem origem; serem simulacros de si mesmos.

O fim e a seqüência, contidos no texto clássico, não são mais características do hipertexto. Os blogs não possuem mais linearidade; são publicações em etapas que se traduzem em uma leitura

ra fragmentária. Não há mais tanto a preocupação do esconder-se, mas a de ser lido. E, em virtude da concorrência, há enorme disputa pela preferência, visualizada pelo número de acessos e comentários. Os textos são tocados e saboreados apenas pela retina, e as imagens contempladas na interface da tela vão além do antigo branco amarelento do papel, mas vislumbram um universo de cores, de geometria de palavras e de traços que traduzem um pouco a personalidade do ser.

O leitor dos blogs possui dimensão contemplativa, interativa e participativa. Cativa-se muitas vezes muito mais pelo dinamismo da animação, pela interface, do que propriamente pela heterogeneia das palavras. Tanto se identifica com o que está exposto como se irrita a ponto de proferir comentários desagradáveis ao suposto autor do blog.

Além de descrever o cotidiano, os blogs podem fazer menção a qualquer outro assunto, como por exemplo: política. O uso dos blogs políticos serve como um novo mecanismo de disputa. Inicialmente, parecem inofensivos, satíricos, mas aos poucos se tornam um grande aliado para o derramamento das mais diversas fontes informativas que, por meio de blogs pessoais ou de jornalistas, constroem a opinião pública.

Os blogs conquistaram o público e vieram para ficar, pois além de relatos íntimos, eles têm se consolidado e ganhado força nas agências de publicidade, empresas jornalísticas e partidos políticos. Em cada categoria objetivam-se diversos aspectos como, por exemplo: técnicas de marketing, denúncia, campanhas, ou seja, além de divertir e entreter, os blogs servem como um canal de informações que transmite o que acontece nos dois

mundos: o particular do blogueiro e o social.

Foi com a ascensão da burguesia que se determinou o estabelecimento da esfera íntima com a aparição mais evidente da carta, do diário e do escrito íntimo. Além disso, segundo Denise Schittine, em *Blog: comunicação e escrita íntima na internet* (2004), falar de si mesmo como um dos assuntos mais importantes foi sempre uma questão que o diarista sempre guardou de si para si. Essa representação de si, existente nos diários íntimos, escritos à meia-luz, por muito tempo proporcionou o aflorar de segredos, medos, gostos e sabores do saber de si, do descobrir-se escondendo-se.

Uma (suposta) antipatia de ser visto como um escritor de diários pode estar relacionada aos preconceitos da escrita autobiográfica do século XIX, quando a crítica literária ainda usava a separação dos dois tipos de escrita (autobiografia e ficção) para selecionar obras “relevantes”. A autobiografia era “inferiorizada” porque a crítica acreditava que escrito íntimo era privilégio de muitos, o que desqualificava a qualidade do estilo. Assim, uma grande parcela dos blogueiros, tenta se afastar desse tipo de aproximação, produzindo textos que relatam o cotidiano (crônicas), que contam notícias (noticioso/jornalístico/reportagem) e também, os confessionais, que Schittine (2004) intitula de *diários íntimos*. Diários abertos que se tornam um ponto de encontro; que muitas vezes podem ser confundidos com fóruns de discussão; amigos (os diários) de múltiplos confidentes, que unem e afastam, repelem e aproximam, nutrem e apetezem. O íntimo materializado em palavras, sem receios, sem meneios, sem picholeios.

Essa nova ferramenta – o blog – não se preocupa com as preferências alheias, como é o caso das emissoras de televisão

que buscam temas universais e até mesmo regionais para atraírem a grande massa e, assim, terem altos índices de audiência e popularidade. Os blogueiros, em contrapartida, prezam por seus interesses e por aquilo que gostam, e o blog se torna um espaço deles; livre de preconceitos e de discriminações.

É um universo de murmúrios que, por meio da sua textura fluida, resgatou na web os seus primórdios, ou seja, a escrita, em que a prioridade nos sites é o texto. Por serem textos escritos a partir da(s) experiência(s), da perspectiva, das preferências, do autor, a imagem do blog é frequentemente associada à tradição dos diários pessoais manuscritos. Tradição que é rompida quando os textos são publicados na rede, desmantelando o domínio da privacidade dos diários íntimos.

Eles deixam de ser uma leitura proibida a outrem e tornam-se um verdadeiro livro aberto, em que as pessoas contam as suas peripécias diárias, ou aquilo que lhes apetece, ou ainda o que lhes interessa mais profundamente. Por conta disso, os blogs transformam-se em diários intimamente públicos. Escritos em primeira pessoa, trazendo histórias verídicas (ou não), amorosas, dramáticas ou cômicas, que carregam um toque de humor ou suspense, os diários virtuais conquista(ra)m um público vasto e variado, tendo como principal característica a curiosidade dos leitores.

O que mantém “vivo” um blog é o acesso dos diferentes leitores e seus comentários. Essa é uma das diferenças básicas entre o diário tradicional e o “diário” on-line: os leitores interferem diretamente na produção da escrita. Por meio dessas intervenções há uma escrita coletiva que cria pequenas comunidades e redes que se fundam em torno de afinidades pessoais e perde-se um aspecto que era mantido

no diário escrito no papel: o segredo. No entanto, não significa que não se possa manter um segredo on-line; isso é possível, sim, mas de uma maneira diferente, na qual o diarista é quem determina com quem compartilhá-lo: por meio do texto cifrado, senhas, acesso restrito à página, entre outros artifícios. A diferença do diário manual é que no blog são expostas memórias, recordações, elementos da individualidade de um eu que podem ser lembradas pelo outro, que participa também como um agente de manutenção da memória do autor. Assim, o blog acaba se tornando, também, uma espécie de arquivo da própria memória.

O triunfo dos blogs dá-se, especialmente, em virtude do fato de que o público adora vasculhar a vida alheia; exemplo disso dá-se no enorme sucesso de programas como *Big Brother*, *Casa dos artistas*, *A Fazenda*, em que a câmera é o olho que espia pela fechadura. Em outros casos, as *webcams* podem proporcionar o sucesso dos anônimos, fazendo de seu recinto um “abre-te, Sésamo” para o mundo. Apesar de todo esse ambiente de constante troca e compartilhamento de anônimos com anônimos, cuja presença faz-se por detrás de uma tela, o computador é o meio de comunicação que mais contribui para que o indivíduo feche-se cada vez mais sobre si mesmo. São sinônimos de individualidade: “meus documentos”, “minhas imagens”, “meu computador”. Além disso, o computador permite a possibilidade de se expor sem se identificar e/ou ser identificado.

O diarista virtual não quer apenas um público para ler suas confissões como num livro, ele quer um público com o qual possa estabelecer um diálogo. Com a passagem para a esfera virtual, o diário sofre, segundo Schittine (2004), dois traumas com relação

à sua estrutura original: o nascimento de um público leitor desconhecido (que se interessa por biografias atualizadas diariamente) e a possibilidade de ver esse público fluindo diretamente na escrita do eu. A escrita de antes, reservada, de “monastério”, cede espaço para a participação de leitores, estabelecendo-se, assim, comunicação com os interlocutores. O blogueiro tem a possibilidade de cativar um público, tendo, ao mesmo tempo, uma platéia atuante e participativa, formada por desconhecidos interessados em consumir a sua intimidade, comentando-a livremente.

Além disso, “o escritor tem o direito de não querer dizer *tudo*, e o leitor pode escolher, através da navegação, o que quer ler” (Schittine, 2004, p. 78). As fronteiras entre o autor e o leitor estão cada vez menores, da mesma forma que, para o leitor, as dificuldades são sentidas entre o que é realidade e o que é ficção.

Os *links* permitem que as pessoas naveguem por blogs de outras pessoas. É por meio dessa ferramenta que é possível, também, detectar os gostos, as leituras, os interesses e, de repente, o estilo de *gênero* do blogueiro. Talvez seria audácia tentar categorizar o estilo de gênero. O próprio blog já é uma contradição de escrita íntima, completamente exposta ao público leitor, então, trata-se de um gênero transtextual, um gênero não propriamente dito que pode se servir de outros gêneros. O que se percebe, em entrevistas feitas com blogueiros, é que a maioria abomina que seu blog seja classificado como uma espécie de diário virtual, pois ele foge do formato *diário de adolescente* no qual predominava a caligrafia que muitas vezes deixava perceptível o estado de espírito do redator; perdem-se os sentidos como o tato, a visão e o cheiro; o chiclete não pode mais ser colado na folha de papel;

a flor recebida por um admirador secreto não pode ser inserida no meio das folhas para que seque com o tempo e impregne nas páginas seu aroma velho e sua textura áspera; as cores do papel ou, até mesmo, as diferentes cores de caneta esferográfica, giz pastel, giz de cera e lápis de cor não se vêem mais. Aspectos que foram escritos no pé da página, palavras rasuradas, riscadas e algumas até cortadas pela força aplicada à caneta no momento em que o diarista gostaria de apagar de sua lembrança (diário) o que aconteceu. Perdem-se, também, as folhas perfumadas, o cartão-postal recebido com atraso, fotos inteiras e recortadas. A própria capa do diário não existe mais. Às vezes, uma capa glamorosa, com o nome do diarista escrito em alto relevo por letras feitas em forminhas de gesso. O diário grosso, de várias páginas, aquele que precisava na metade do seu percurso anual ser amarrado, ou por um elástico, ou quem sabe uma fitinha mimosa, agora não possui mais esses adereços, nem esse formato.⁶

Se o diário era considerado um *livro* único pela caligrafia, mesmo descuidada por alguns, os diários virtuais vêm com a “fontografia” (diga-me que fonte usas, e te direi quem és). Nesta era virtual, se a fonte substitui a escrita a próprio punho, seria, então, o *link* o papel dobrado e colado no diário, aquele segredinho a mais que se abre para uma nova janela apenas com o clique do mouse?

⁶ Tantos detalhes e adereços que nos conduzem a mais uma reflexão: os homens (adultos e adolescentes) até bem pouco tempo não tinham o hábito de escrever diário (como acontecia com as meninas). O diário carregou essa carga feminina, que está bem marcada no discurso acima pelas “flores”, “fita”, “nome em forminhas de gesso”, e tantos outros aspectos que apelam para a visualidade, porque fazia parte da fase/passagem da menina para mulher; segredos escondidos revelados ao fiel confidente. Atualmente, muitos homens (e aí a faixa etária pode variar) possuem blogs, mas, certamente, não os teriam se o canal não fosse a internet.

A vinda do blog instaurou um novo emblema de leitores e de escritores, e estes nada mais buscam que um espaço em que possam se expressar sem pressão, sem autocensura, já que a internet é o lugar onde se lançam textos para quem quiser ler e, é também, a oportunidade de escrita “menos solitária” (Schittine, 2004, p. 199). Não podemos afirmar que são atitudes de produção exibicionistas ou narcísicas, mas sim, uma forma burocrática de espaço de produção (seja ela literária ou não). Sentado em frente ao seu computador, o blogueiro afasta-se de seu “mundo real” para adentrar em outro mundo, o virtual, em que a voz do Outro – o leitor – auxilia na construção de sua própria identidade.

Último Clique

Até que ponto o leitor de um blog consegue distinguir o que é confissão, ficção ou informação? Em que medida os blogs podem ser devidamente considerados e chamados de “diários virtuais”? O adjetivo é bem visto, mas que falar do substantivo? Seriam exatamente diários?

Acreditamos que muitos blogs são usados para colocar informação na internet gratuitamente, tornando-se um tipo de ferramenta para comunicação, divulgação, interação, exposição, diálogo. Por conta disso, reconhecemos que os blogs não são os pretensos substitutos dos antigos diários, da escrita íntima, do segredo confidenciado ao papel. Eles são simplesmente blogs, e é o blogueiro quem decide se o seu blog será *utilizado* para “confissão”, “ficção” ou “informação”. Essas reflexões também nos fazem pensar que o conceito de “diário”, cujas declarações e confissões eram geralmente precedidas pelo “querido diário”, modificou-se ou, pensando na sua prática atualmente, ousaríamos dizer: desapareceu. Adolescentes, jovens e

adultos, por exemplo, que possuem blogs e neles escrevem, inscrevem e registram, de uma maneira ou de outra, sua marca, não reconhecem e não veem os blogs como “diários virtuais”. Os blogs são, sim, um espaço para suas falas, opiniões, inquietações, preferências e, até mesmo, alteridades. Não são simulações, como afirmamos anteriormente com base nas ideias de Jean Baudrillard, que tentam coincidir com “o” real, mas com “um” real. E pouco importa ao blogueiro se este real seja apenas próprio dos seus pensamentos, dos seus anseios e de suas convicções.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução: Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

CABRERA, Daniel H. *Lo tecnológico y lo imaginário: las nuevas tecnologías como creencias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires: Biblos, 2006.

CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. *Não contem com o fim do livro*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GIANETTI, Cláudia. *Estética Digital. Sintopia da arte, a ciência e a tecnologia*. Tradução: Maria Angélica Melendi. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JOBIM, José Luís. O Texto no Meio Digital. In: *Remate de Males*. Campinas, SP, UNICAMP, 2009, p. 59-69. Disponível em <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/remate/article/viewFile/1065/850>> Acesso em 12 jan. 2011.

PERNIOLA, Mario. *Enigmas*. Tradução: Francisco Javier García Melenchón. Cedeac: Murcia, 2003.

SAEMMER, Alexandra. *Matières textuelles sur support numérique*.

Saint-Etienne: Publications de l'Université de Saint-Etienne, 2007.
SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIQUEIRA, André e MENDONÇA, Felipe Marra. Mais do que um diário. In.: *Carta Capital*. São Paulo: nº. 401, 12 de julho de 2006, p. 40-43.

Artigo recebido em 08/02/2011 e aprovado em 15/03/2011.